

**Assistência de enfermagem diante da seletividade alimentar da criança autista: revisão
de literatura**

Nursing assistance in the face of food selectivity of autistic children: literature review

**Asistencia de enfermería ante la selectividad alimentaria de los niños autistas: revisión
de la literatura**

Recebido: 08/12/2020 | Revisado: 16/12/2020 | Aceito: 22/12/2020 | Publicado: 27/12/2020

Marciele de Lima Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2827-5316>

Instituto de Educação Superior da Paraíba, Brasil

E-mail: marcieledelsilva@gmail.com

Mariana Pereira Barbosa Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0852-8099>

Universidade Estadual do Piauí, Brasil

E-mail: marianapbsilvaa@gmail.com

Rita de Cassia da Silva Cunha

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6822-4786>

Universidade Estadual do Piauí, Brasil

E-mail: ritacscunha98@gmail.com

Airton César Leite

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7184-8488>

Centro Universitário Santo Agostinho, Brasil

E-mail: ainton.cesar2014@gmail.com

Valéria Fernandes Da Silva Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7516-4806>

Universidade Estadual do Maranhão, Brasil

E-mail: valeriafernandesxp@gmail.com

Franci Cleide dos Santos Soares Sousa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8758-9943>

Universidade Salgado de Oliveira, Brasil

E-mail: fcleide.santossoares@gmail.com

Jéssika Roberta Firme de Moura Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1268-2400>

Universidade Federal do Piauí, Brasil

E-mail: jessikafmsantos@gmail.com

Jéssica Moreira Fernandes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8888-1962>

Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Brasil

E-mail: jessica-fernandes-@outlook.com

Emmanuella Costa de Azevedo Mello

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9747-2992>

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

E-mail: emmanuellaazevedo@hotmail.com

Ruth Keila Santos Coelho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7353-8114>

Universidade Estácio de Sá, Brasil

E-mail: s.keyla202@gmail.com

Lynna Stefany Furtado Morais

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5611-2736>

Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil

E-mail: lynnastefany.morais@gmail.com

Layanne Cavalcante de Moura

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2781-1076>

Centro Universitário UNIFACID, Brasil

E-mail: layannecavalcante@hotmail.com

Janiele Soares de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1468-1452>

Associação de Ensino Superior do Piauí, Brasil

E-mail: janysoares276@gmail.com

Karelline Izaltemberg Vasconcelos Rosenstock

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9305-1362>

Instituto de Educação Superior da Paraíba, Brasil

E-mail: karellineivr@gmail.com

Resumo

Atualmente, o autismo é classificado como um transtorno invasivo do desenvolvimento que envolve graves dificuldades ao longo da vida nas habilidades sociais e comunicativas – além daquelas atribuídas ao atraso global do desenvolvimento – e também comportamentos e interesses limitados e repetitivos. Crianças autistas são muito seletivas e persistentes ao novo, dificultando a inserção de novas experiências com alimentos. O objetivo desse estudo é investigar na literatura a atuação da equipe de enfermagem diante da seletividade alimentar da criança autista. Trata-se de uma revisão de literatura. A seletividade alimentar (SA) se caracteriza pela junção de comportamentos alimentares, tais como: recusa alimentar, dificuldades em consumir novos alimentos e uma ingestão reduzida de variedades. A ligação entre o enfermeiro, a pessoa autista e seus familiares torna-se de fundamental importância, uma vez que no desempenho do trabalho da enfermagem denota-se um olhar cuidadoso, desprovido de preconceitos, atento às necessidades do outro e ao seu sofrimento, visto que na maioria das vezes haverá a dificuldade de expressão oral por parte do autista, cabendo ao enfermeiro a escuta e prestação de assistência diferenciada.

Palavras-chave: Assistência de enfermagem; Seletividade alimentar; Transtorno do espectro autista.

Abstract

Currently, autism is classified as an invasive development disorder that involves serious lifelong difficulties in social and communicative skills - in addition to those attributed to overall developmental delay - as well as limited and repetitive behaviors and interests. Autism children are very selective and persistent to the new, making it difficult to insert new experiences with food. The objective of this study is to investigate in the literature the nursing team's performance in face of the autistic child's food selectivity. It is a literature review. The alimentary selectivity (SA) is characterized by the junction of alimentary behaviors, such as: refusal to eat, difficulties in consuming new foods and a reduced intake of varieties. The connection between the nurse, the autistic person and his relatives becomes of fundamental importance, since in the performance of the nursing's work a careful look is shown, devoid of prejudices, attentive to the needs of the other and his suffering, since most of the times there will be the difficulty of oral expression on the part of the autistic, being the nurse responsible for listening and providing differentiated assistance.

Keywords: Nursing assistance; Food selectivity; Autistic spectrum disorder.

Resumen

Actualmente, el autismo se clasifica como un trastorno invasivo del desarrollo que implica serias dificultades de por vida en las habilidades sociales y comunicativas - además de las atribuidas al retraso general del desarrollo - así como conductas e intereses limitados y repetitivos. Los niños con autismo son muy selectivos y persistentes con lo nuevo, lo que hace difícil insertar nuevas experiencias con la comida. El objetivo de este estudio es investigar en la literatura el desempeño del equipo de enfermería frente a la selectividad alimentaria del niño autista. Es una revisión de la literatura. La selectividad alimentaria (SA) se caracteriza por la combinación de comportamientos alimentarios como: rechazo a comer, dificultades para consumir nuevos alimentos y un reducido consumo de variedades. La conexión entre el enfermero, el autista y sus familiares adquiere una importancia fundamental, ya que en el desempeño de la labor de enfermería se muestra una mirada atenta, desprovista de prejuicios, atenta a las necesidades del otro y a su sufrimiento, ya que la mayor parte del tiempo se producirá la dificultad de expresión oral por parte del autista, siendo el enfermero el responsable de escuchar y prestar una asistencia diferenciada.

Palabras clave: Asistencia de enfermeira; Selectividad alimentaria; Trastorno del espectro autista.

1. Introdução

A primeira infância é considerada uma fase da vida, que é marcada pelas etapas do amadurecimento e desenvolvimento psicossocioemocional do ser humano. Nessa etapa, de desenvolvimento e de crescimento infantil ocorrem inúmeras mudanças anatômicas e fisiológicas. Dentre as alterações, o Espectro do Transtorno autista (ETA) está incluso como um dos distúrbios neuropsicológicos que podem ser evidenciados, principalmente, numa tendenciosa avaliação minuciosa do desenvolvimento infantil (Brasil, 2001).

O autismo infantil caracteriza-se por anormalidades qualitativas nas três áreas seguintes: interação social, comunicação e conduta, que é restrito e recorrente. Como princípio as pessoas com autismo expõem pelo menos 50% das características relacionadas à lista de comparação de autismo, esta serve como orientação para o diagnóstico. Os sinais podem alterar de intensidade ou com a idade (Santos, Santos, Santos & Lima, 2019).

Manifesta-se, em geral, antes do terceiro ano de vida, caracterizando-se por comprometer todo o desenvolvimento psiconeurológico, o que afeta diretamente a comunicação (fala e entendimento) e o convívio social, sendo mais comum no sexo

masculino. Os sinais e sintomas se apresentam já nos primeiros meses de vida e, geralmente, incluem o isolamento, hipersensibilidade, dificuldade em manter contato visual e gestual, e hipoatividade. Posteriormente, começam a apresentar dificuldade de sair da rotina, hiperatividade, movimentos repetitivos e estereotipados, irritabilidade, déficit na fala e nas interações sociais (Barbosa & Nunes, 2017).

Atualmente a Organização das Nações Unidas (ONU) estima que pelo menos um bilhão de adultos e cerca de 93 milhões de crianças vivem com algum tipo de deficiência. Em 2015, a ONU estimou que cerca de 70 milhões de pessoas possuíam autismo. Em dezembro de 2012, o Congresso Nacional instituiu a Política Nacional dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, a qual tem como principal objetivo proteger e estimular os indivíduos portadores do transtorno. Embora se tenha avançado em relação aos estudos sobre autismo em proporção mundial, ainda se questiona sobre a efetividade das opções que se tem de intervenções terapêuticas e educacionais para as pessoas com autismo. Nesse sentido, é importante que existam avaliações individualizadas, não somente para planejar e melhorar a assistência a esse indivíduo, mas também para avaliar sua eficácia. Dados estimados a partir de 57 instituições avaliadas, considerando a faixa etária, somente 25% dos assistidos possuem 0 a 5 anos, enquanto 59% possuem mais de 18 anos de idade (ONU, 2015).

De acordo com as leis orgânicas 8080/90 e 8142/90 das políticas públicas do SUS (Sistema Único de saúde) estão consolidadas e regidas pelos princípios da integralidade, equidade, igualdade e a universalidade e crianças portadoras ou não de agravos à saúde estão respaldadas e inseridas nesse contexto (Brasil, 2001).

A Lei nº 13.146 de 2015 (Brasil, 2015) - Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) estabelece quem é a pessoa com deficiência e direciona como e deve ser o processo para sua reabilitação, assim como ser obrigatório o diagnóstico e as intervenções precoces. O autismo não é uma doença, mas sim característica que precisa de atenção especial; no entanto, para proteger os direitos da pessoa incluída no TEA, a Lei nº 12.764/12, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, manifestou o transtorno como deficiência, para que as pessoas tenham seus direitos respeitados. (Brasil, 2012).

Frente a essa situação aparece o ETA/TEA (Espectro do Transtorno Autista ou Transtorno do Espectro Autista) popularmente conhecido como autismo apresenta-se como um distúrbio de alta complexidade tornando-se dificultoso em seu rastreamento e diagnóstico, pois o desenvolvimento é a principal área acometida. Dentre as características estão: ausência de medo a perigos reais; relutância a mudança de rotina; aparente insensibilidade à dor;

feições faciais inapropriadas como: risadas ou choros sem motivação; choro e angústia por razões não discerníveis; obsessão por objetos; utilização das pessoas como se fossem objetos; organização de objetos; dificuldade em iniciar e manter interação social; mutismo; ecolalia; afasia; forma de equilíbrio do corpo de maneira inusitada; extrema passividade ou hiperatividade física marcante; coordenação motora fina/ grossas desniveladas; atuam como surdos, mas com audição intacta e o não direcionamento do olhar. A criança é monitorada de acordo com o calendário mínimo preconizado pelo Ministério da Saúde. Sendo assim, o crescimento é analisado para inferir estrutura física do infante e está voltado para dados antropométricos, isto é, o crescimento é quantificado enquanto o desenvolvimento é qualificado de acordo com presença/ausência/ frequência de comportamento em determinada faixa etária (Bortone & Wingester, 2016).

A avaliação de uma criança compreende a entrevista com os pais a fim de obter uma descrição completa das preocupações atuais, a história do estado psiquiátrico e clínico da criança e também a observação direta e a entrevista da criança. Quando ela não consegue expressar-se verbalmente, utiliza-se alguma situação lúdica. Após a avaliação pela equipe multidisciplinar, a criança é encaminhada para grupos específicos como a Enfermagem, a Psicologia e/ou Terapia Ocupacional (Sudré, Oliveira, Faile & Teixeira, 2011).

Crianças autistas são muito seletivas e persistentes ao novo, dificultando a inserção de novas experiências com alimentos. Consequentemente, deve-se ter o cuidado de não deixá-las deglutir alimentos que não sejam saudáveis. Comportamentos repetitivos e interesses restritos podem ter papel importante na seletividade dietética dessas crianças. Porém, seu diagnóstico ainda é feito por avaliação clínica associada à aplicação de critérios específicos para o autismo. Até o momento não existem exames laboratoriais que identifiquem a doença, as características mais acentuadas percebidas nos portadores do transtorno espectro autistas está relacionado principalmente na falha do desenvolvimento da linguagem e interação social, porém ainda há uma série de desordens gastrointestinais que podem acometer os autistas, como a diminuição na produção de enzimas digestivas e inflamações da parede intestinal.

Nas últimas décadas, a gestão pública em saúde no Brasil tem se empenhado elaborando, discutindo e aprovando leis que tem dado mais autonomia e visibilidade à população que vive em desigualdade social, principalmente às minorias sociais. Hoje, muito tem-se discutido sobre inclusão social, direitos das pessoas com deficiência, com transtornos mentais, entre outros temas considerados importantes para o crescimento e desenvolvimento do país. A discussão sobre assistência a pessoa com pessoa deficiência visa o

desenvolvimento de habilidades e a inclusão social das mesmas, haja vista o preconceito enfrentado na sociedade.

Se faz necessário a abertura de espaço para discussão da assistência de enfermeiros a pessoa com autismo, colaborando para um diagnóstico da realidade local, identificando as fragilidades, proporcionando a oportunidade de se (re)pensar a prática profissional. Ressalta-se a escassez em material bibliográfico acerca dessa temática na área da saúde, como também, destaca-se a complexidade do tema abordado em consonância do objeto de estudo, por ser revestido de tabus e estigmatização (Sena, Reinalde, Silva & Sobreira, 2015).

O objetivo desse estudo é investigar na literatura a atuação da equipe de enfermagem diante da seletividade alimentar da criança autista.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo revisão integrativa de literatura, de caráter qualitativo. A revisão integrativa inclui a análise de pesquisas relevantes que dão suporte para a tomada de decisão e a melhoria da prática clínica, possibilitando a síntese do estado do conhecimento de um determinado assunto, além de apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos. Este método de pesquisa permite a síntese de múltiplos estudos publicados e possibilita conclusões gerais a respeito de uma particular área de estudo (Mendes, Silveira, & Galvão, 2008). Enfatiza-se que o interesse pela temática surgiu ao observar uma carência de informações ofertadas pelos enfermeiros aos pais/cuidadores acerca da importância de uma nutrição adequada.

A pergunta norteadora deste estudo foi: Como a literatura aborda a atuação da equipe de enfermagem diante da seletividade alimentar da criança autista?

As buscas foram realizadas no mês de novembro de 2020 nas bases do Google acadêmico, Scielo e Biblioteca Virtual em Saúde. Na realização da revisão de literatura nas bases de dados obteve-se um quantitativo de 20 (vinte) publicações a partir dos descritores, após análise foram excluídas as que não se relacionavam com a temática em questão, como também os textos que se encontravam em formato de resumo, língua estrangeira e duplicados. Desta forma, para consolidação desse estudo foram analisadas 12 (doze) publicações no período de 2015 à 2020, a distribuição dos artigos encontrados nos periódicos por ano está representada no Quadro 1. Das publicações analisadas, 7 (sete) estão indexadas em revistas científicas na área da saúde, 3 (três) jornais, 1 (um) seminário e 1 (um) arquivo médico, evidenciando assim o crescente número de publicações nesta área.

Quadro 1. Distribuição por ano dos artigos selecionados para o estudo de 2015 a 2020.

ANO	NÚMERO DE PUBLICAÇÕES
2015	1
2016	1
2018	2
2019	4
2020	4

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Observa-se no Quadro 1 que houve uma predominância de publicações nos anos de 2020 e 2019, com 4 artigos respectivamente, em seguida o ano de 2018 com 2 artigos e nos anos de 2016 e 2015 com 1 artigo respectivamente.

3. Resultados e Discussão

A partir da leitura das publicações selecionadas emergiram 2 (duas) categorias temáticas: A seletividade alimentar no TEA e Assistência de enfermagem ao paciente com TEA e os cuidados diante da seletividade alimentar. Estas categorias serão apresentadas e discutidas a seguir.

3.1 A seletividade alimentar no TEA

A seletividade alimentar pode ser entendida como um comportamento alimentar que tem como característica principal a exclusão de uma variedade de alimentos. Essa postura, muitas vezes, pode ser transitória, (correspondendo à fase de adaptação a novos alimentos), ou perdurar ao longo do desenvolvimento da pessoa. A Seletividade Alimentar caracteriza-se pela tríade: pouco apetite, recusa alimentar e desinteresse pelo alimento. Essa combinação pode provocar uma certa limitação a variedades de alimentos ingeridos, além disso provoca um comportamento de resistência em experimentar novos alimentos (Rocha et al., 2019).

Na pesquisa de Gomes (2016) evidencia-se que o estado nutricional do autista depende não só da ingestão alimentar, mas também de processos fisiológicos e metabólicos, como a

digestão e a absorção. Se por um lado, as possíveis perturbações metabólicas do autismo podem conduzir a necessidades acrescidas de vitaminas e minerais, por outro lado, situações de recusa e seletividade alimentar são frequentes em autistas o que pode conduzir a um inadequado aporte de micronutrientes.

Uma nutrição adequada ajuda na prevenção de doenças, no bom funcionamento do organismo, além de proporcionar uma melhor qualidade de vida. Para a manutenção de uma nutrição adequada é necessário que o indivíduo consuma uma variedade de alimentos, pois essa variedade traz uma maior oferta de nutrientes. Crianças com TEA podem apresentar dificuldades em aceitar novas experiências alimentares, o que pode ocasionar deficiência de algum nutriente (Rocha et al., 2019).

Rocha et al. (2019) aponta que a sensibilidade sensorial pode levar as crianças com TEA a restringir sua ingestão aos alimentos de texturas preferenciais, toleráveis e gerenciáveis, o que pode gerar o surgimento de deficiências nutricionais graves, prejudicando o desenvolvimento dessas crianças

Os artigos evidenciam que o gênero masculino é mais propício a ter sobrepeso e obesidade, assim como espectro autista, mas não há nenhuma relação direta comprovada da obesidade com a gravidade dos sintomas. O inadequado estado nutricional pode agravar os sintomas. Comum ter deficiências devido a frequente alimentação monótona: Complexo B, Ca, Zn e Mg. Crianças com TEA comumente possuem deficiências nutricionais devido à ausência da eficiente digestão dos alimentos e frequentemente apresentam disbiose intestinal, dificultando a absorção de nutrientes e gerando reações inflamatórias (Silva et al, 2019).

Alguns estudos por sua vez, analisam a relação entre o TT e os fatores de risco para diabetes tipo 2, como sobrepeso grave, entre 4.495 crianças em idade escolar no Reino Unido. Concluem que crianças que passaram mais de três horas diárias na tela tinham mais sobrepeso e estavam mais propensas a mostrar sinais de resistência à insulina, o que pode contribuir para o desenvolvimento de diabetes tipo 2, em comparação com seus colegas que relataram uma hora ou menos de TT por dia. Os resultados verificaram correlações significativas do TT na semana e final de semana e conclui que a “elevada frequência de escolares que despendem tempo excessivamente com comportamentos sedentários tiveram uma correlação com a adiposidade corporal e excesso de peso” (Carvalho Filha, Cardoso, Nascimento, Santos, Sousa & Moraes Filho, 2019).

Por fim a referida pesquisa destaca a importância de se analisar não somente a prática de atividade física das crianças e adolescentes, mas também intervir na redução do tempo

gasto em frente às telas e adequar as horas de sono, para que se promova uma melhor qualidade de vida e reduza os casos de sobrepeso e obesidade (Carvalho Filha et al., 2019).

3.2 Assistência de enfermagem ao paciente com TEA

A assistência a uma criança com TEA é um desafio para os profissionais de saúde, especialmente para o enfermeiro, que possui um papel essencial, tanto no atendimento quanto na orientação à família e ao paciente, buscando a melhoria da qualidade de vida dos mesmos (Barbosa & Nunes, 2017). O Quadro 2 apresenta uma síntese dos cuidados de enfermagem ao paciente com TEA.

Quadro 2. Principais Cuidados de Enfermagem para o TEA.

Cuidados de enfermagem para o TEA
Acompanhar e assistir o paciente com TEA.
Orientar os familiares e crianças com TEA.
Encaminhar se necessário ao nutricionista.
Esclarecer dúvidas e planejar ações voltadas a alimentação.
Prestar assistência aos pais do TEA.
Participar ativamente de seu tratamento.
Estimular habilidades para o autocuidado.

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

O primeiro passo para iniciar os cuidados de enfermagem a uma criança com autismo é a apresentação de quem vai prestar o cuidado, sendo direto e objetivo. Identificar o óbvio também é uma estratégia: “seu braço está ferido”, “eu preciso olhar o seu braço”. Também recomenda-se comunicar à criança que ela não ficará sozinha e que sua mãe ou acompanhante poderá permanecer ao seu lado; explicar o passo a passo do que for realizar antes de tocar na criança e sempre encerrar com um incentivo “muito bem!”. Deve-se lembrar que o ideal é que a equipe que irá assistir essa criança seja limitada – com o menor número de profissionais diferentes possível, para maior familiarização da criança. Outros cuidados citados, que devem

ser considerados durante a prestação de cuidados à criança com autismo, são: oferecer brinquedos para maior distração enquanto a criança aguarda para ser atendida; permitir que a criança caminhe pelo ambiente enquanto aguarda ser chamada para uma consulta; manter o ambiente climatizado, com luzes menos intensas e procurar reduzir ruídos e sons desnecessários; incentivar somente uma pessoa falar de cada vez (Cardoso, 2018).

O cuidar para enfermagem é como ação primária e precisa voltar-se não exclusivamente para a criança autista, mas também para as mães destas crianças, pois o papel do enfermeiro é estar atento às reações da criança ao se relacionar com alguém. Também cabe a ele proporcionar conhecimentos aos pais acerca do autismo, avaliar o grau de compreensão desses pais sobre a doença, bem como o enfrentamento deles diante dessa inesperada realidade que se apresenta (Santos, Santos, Santos & Lima (2019).

Os enfermeiros precisam investir nas práticas de atenção à saúde, na comunicação da sua avaliação para uma melhor confirmação de diagnóstico e início do tratamento, proporcionando um atendimento humanizado, e ter consideração à complexidade e o impacto do diagnóstico na família. Portanto, ainda não temos estudos que tratem diretamente sobre a humanização da assistência de enfermagem ao paciente autista, e isso acaba limitando o avanço na assistência. Entende-se que a humanização em saúde é resgatar o respeito à vida humana, levando em conta as situações sociais, éticas e psíquicas em todo o relacionamento humano, pois deste modo à humanização supõe troca de conhecimentos, diálogo entre os profissionais e maneiras de trabalhar em equipe (Santos, Santos, Santos & Lima (2019).

Sena, Reinalde, Silva & Sobreira (2015), aborda que compete ao enfermeiro criar e conduzir um ambiente terapêutico, pois são os profissionais que estão mais tempo com o paciente em comparação com os outros profissionais da saúde, o ambiente terapêutico apresenta vários benefícios, dentre eles: ajuda o paciente a desenvolver o senso de autoestima e autocuidado; estimula a capacidade do mesmo relacionar-se com os outros; ajuda o paciente a confiar nas pessoas; ajuda-o a voltar à comunidade com mais maturidade e preparado para o trabalho e para a vida, acolhendo-o de forma integralizada.

Dessa forma, sugere-se aos enfermeiros pesquisar e se aprofundar sobre o assunto, elaborar estudos com o intuito de se criar cuidados e intervenções específicos de enfermagem para estas pessoas e seus familiares, além de tentar proporcionar uma melhor qualidade de vida, como também, planejar ações que visem a inserção do mesmo na sociedade, estimulando os familiares a participarem ativamente desse processo de ressocialização (Sena, Reinalde, Silva & Sobreira, 2015).

Portanto, o enfermeiro tem capacidade de proporcionar uma assistência adequada para as crianças com autismo, como também perceber as pessoas com necessidades especiais como parte do mundo, a qual não se deve omitir por medo dos obstáculos. Estes devem ser enfrentados com perseverança, pois, fica claro a importância do auxílio e participação dos enfermeiros no processo de prevenção, promoção e reabilitação da saúde, promovendo melhor qualidade de vida a estes pacientes e seus familiares (Sena, Reinalde, Silva & Sobreira, 2015).

Barbosa & Nunes (2017), aborda que a atuação do enfermeiro envolve o ser humano em seus aspectos físicos e psicológicos, devendo ser sensível às necessidades dos pacientes, através de uma assistência humanizada e cuidado integral. No que se refere à criança com TEA, o enfermeiro tem como meta o cuidar, voltando suas ações não apenas ao problema, mas buscando orientar a família, esclarecendo dúvidas e diminuindo o medo, buscando assim melhorar a qualidade de vida da criança.

A falta de preparo e formação profissional do enfermeiro para atuar junto a pacientes na área da saúde mental, e aqui mais especificamente, à criança com TEA, impede que o cuidado seja prestado através de um processo interpessoal, promovendo uma assistência biopsicossocial. Assim, é preciso avançar muito para a prestação de um atendimento qualificado para crianças autistas (Barbosa & Nunes, 2017).

Sudré, Oliveira, Faile & Teixeira (2011) aborda que a avaliação de enfermagem da criança autista deve avaliar a gravidade do caso conforme os seguintes requisitos: não apresentar controle de esfíncteres e autonomia para as atividades de vida diária; dificuldades na atenção e concentração; auto e heteroagressividade; retardo e/ ou falta total do desenvolvimento da linguagem; dificuldade na utilização de comportamentos não verbais como contato visual olho-no-olho, olho-objeto, expressão facial, postura de corpo e gesticulação para regular a interação social; aparente aderência compulsiva a rotinas ou rituais não funcionais; preocupação repetitiva com um ou mais padrões restritos ou estereotipados de interesse anormal.

Diante do exposto neste trabalho, entende-se que a criança autista é um paciente que requer uma maior atenção da equipe de enfermagem. O papel do enfermeiro não se restringe a executar técnicas e/ou procedimentos, mais que isso, ele precisa desenvolver a habilidade de comunicação que satisfaça a necessidade do paciente, pois este é um instrumento que garante a qualidade do processo de cuidar. O enfermeiro precisa demonstrar ternura, conversar com a criança, chamá-la pelo nome e, como em qualquer outro atendimento, informar à criança os procedimentos que serão executados, pois mesmo não desenvolvendo a capacidade de

"feedback", não é comprovado que a criança não entenda o que está sendo dito (Santos, Santos, Santos & Lima (2019).

Enfim, temas como autismo têm sido pouco estudados, principalmente relacionados à humanização da assistência de enfermagem ao paciente. Ressalta-se a importância de pesquisas e grupos de estudos sobre o autista e sua relação com o profissional de enfermagem, pois cabem aos enfermeiros elaborar estudos com o intuito de se criar cuidados e intervenções específicos de enfermagem para os autistas (Santos, Santos, Santos & Lima (2019).

A assistência de enfermagem deve levar em conta a individualidade e características peculiares da criança, devendo o enfermeiro estar atento às observações dos pais e ao desenvolvimento da criança, criando um vínculo e interação, a fim de alcançar maior êxito na terapia e proporcionar maior segurança aos pais e à criança (Barbosa & Nunes, 2017).

4. Considerações Finais

O autismo decorre de um distúrbio do desenvolvimento caracterizado por déficit nas áreas de interação social, comunicação e comportamento. O diagnóstico é difícil e basicamente clínico, porém, quando detectado precocemente permite a escolha de um tratamento adequado e individualizado, melhorando a qualidade de vida do autista e da família.

É importante ressaltar que a escassez de produções científicas referentes ao tema abordado dificulta a dimensão do entendimento, conhecimento e atuação do enfermeiro para determinar inclusive sua sistematização de assistência a essa criança e conseqüentemente viabilizar a inserção e intervenção especializada dos multiprofissionais.

Assistir a criança com distúrbio mental constitui se em um grande desafio, já que nesta área não temos enfermeiros especializados. Com estes instrumentos a nossa visão do problema se ampliou, foi possível identificar a necessidade de ensinar passo a passo uma nova habilidade para a criança, facilitando assim a sua compreensão.

Essa pesquisa sugere e estimula a produção de novas pesquisas de temática similar, que abordem questões relacionadas à assistência de enfermagem diante da seletividade alimentar da criança autista a fim de contribuir futuramente na melhor qualidade de vida do paciente.

Referências

Barbosa, P. A. S., & Nunes, C. R. (2017). A relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo. *Múltiplos Acessos*, 2(2), 100-115.

Bortone, A. R. T., & Wingester, E. L. C. (2016). Identificação do espectro do transtorno autista durante o Crescimento e o desenvolvimento infantil: o papel do profissional de enfermagem. *SYNTHESIS/ Revistal Digital FAPAM*, 7(7), 131-148.

Brasil. Ministério da Saúde. Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na rede de atenção psicossocial do sistema único de saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, 2012.

Cardoso, M. L. (2018). *Práticas de cuidado do enfermeiro às crianças com autismo e suas famílias: uma revisão integrativa*. 2018. Trabalho de conclusão de graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.

Carvalho Filha, F. S. S., Cardoso, B. D. A., Nascimento, F. S. C., Santos, O. P., Sousa, T. V., & Moraes Filho, L. M. (2019). Processos históricos e avaliativos referentes ao transtorno do espectro do autismo e a enfermagem na atualidade. *Revista Vita et Sanitas*, 13(2), 66-78.

Gomes, V. T. S., Gomes, R. N. S., Gomes, M. S., Viana, L. V. M., Conceição, F. R., Amorim, L. M. M., & Soares, E. L. (2016). Nutrição e autismo: reflexões sobre a alimentação do autista. *Educação e Ciência para a Cidadania Global*, XX Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, XVI Encontro Latino Americano de Pós-Graduação e VI Encontro de Iniciação à Docência – Universidade do Vale do Paraíba. São Paulo, Brasil.

Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 17(4), 758-764.

Nações Unidas no Brasil. Especialistas da ONU em direitos humanos pedem o fim da discriminação contra pessoas com autismo. Brasília: Nações Unidas no Brasil, 2015.

Rocha, G. S. S., Júnior, F. C. de M., Lima, N. D. P., Silva, M. V. da R. S. da, Machado, A. da S., Pereira, I. C., Lima, M. da S., Pessoa, N. M., Rocha, S. C. S., & Silva, H. A. C. da. (2019). Análise da seletividade alimentar de pessoas com Transtorno do Espectro Autista. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, (24), e538.

Sena, R. C. F., Reinalde, E. M., Silva, G. W. S., & Sobreira, M. V. S. (2015). Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 7(3), 2707-2716.

Santos, N. K., Santos, J. A. M., Santos, C. P., Lima, V. P. (2019). Assistência de enfermagem ao paciente autista: um enfoque na humanização. *Revista de Saúde Dom Alberto*, 4(1), 17-29.

Silva, D. R. R. et al. Importância do estado nutricional no autismo. Anais do II GENIT TALK: Seminário sobre Autismo, 2019.

Sudré, R. C. R., Oliveira, R. F., Faile, P. G. S., & Teixeira, M. B. (2011). Assistência de enfermagem a crianças com Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD): autismo. *Arq Med Hosp Fac Cienc Med Santa Casa São Paulo*, 56(2), 102-106.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Marciele de Lima Silva – 14%
Mariana Pereira Barbosa Silva – 9%
Rita de Cassia da Silva Cunha – 6%
Airton César Leite – 6%
Valéria Fernandes Da Silva Lima – 6%
Franci Cleide dos Santos Soares Sousa – 6%
Jéssika Roberta Firme de Moura Santos – 6%
Jéssica Moreira Fernandes – 6%
Emmanuella Costa de Azevedo Mello – 6%
Ruth Keila Santos Coelho – 6%
Lynna Stefany Furtado Morais – 6%
Layanne Cavalcante de Moura – 6%
Janiele Soares de Oliveira – 6%
Karelline Izaltemberg Vasconcelos Rosenstock – 11%